



Natal

O terceiro domingo do Advento antecipa a alegria do Natal; faz mesmo dela palavra de ordem para nós, em ordem à nossa preparação.

A Antiga Aliança profere-a pela voz do Profeta Sofonias em verbos vibrantes: «Clama jubilosa-mente..., solta brados de alegria..., exulta, rejubila de todo o coração...» Porquê? Porque «o Senhor teu Deus está no meio de ti como poderoso Salvador; e, por causa de ti, se enche de júbilo e te renova com o Seu amor; e, por tua causa exulta de alegria como nos dias de festa».

O Profeta insiste na euforia de Deus: É por causa de ti, é por tua causa que o Senhor vem, vem fazer a festa, ser Ele próprio a Festa. Como pode o homem acolhê-lo senão em festa?! Por isso, «exulta, Israel; clama, rejubila de todo o coração».

A alegria é o estado de alma irrecusável pelo homem; é o tom adequado à nossa preparação para a vinda do Senhor, a qual se não faz de fora para dentro, com berliques e berloques, mas irrompe do íntimo do homem consciente da sua queda e fragilidade e que, agora, assiste à aurora da sua renovação, antevê o nascer do dia que abre o Tempo da Salvação. Nisto

consiste a Festa. Consiste na deposição de todo o temor, no erguer das mãos para a Obra de Deus a que vai ser chamado, na Paz consequente à «revogação da sentença que o condenava».

A Festa é do Senhor, é promovida por Ele — a Festa é Ele no meio de nós. E nós entramos nela, acei-

tando, mesmo sem entender, e dando a vida toda a entender o mistério do amor que há n'Ele, do Amor que Ele é. Por isso é justo que, por outra palavra de ordem de outra voz da Antiga Aliança, a de Isaías, realizemos a nossa parte na Festa: «Cantai ao Senhor porque Ele faz maravilhas;

anunciai-as em toda a terra. Exultai de alegria porque é grande no meio de vós o Santo de Israel».

Mas também a Nova Aliança retoma, em jeito de ordem, a mesma palavra: «Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos». Porque «o Senhor está próximo (...)

a paz de Deus, que está acima de toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus».

É Paulo a comunicar aos Filipenses, a quem, no princípio da mesma carta anunciava o sofrimento e agora a alegria que vence o sofrimento e é invencível por ele, se bebida na Fonte dela, na Causa da nossa alegria que é Cristo Jesus, o «Senhor que está próximo», «o Deus-connosco».

Ainda assim, apesar destas palavras de ordem decididas, decisivas, fica connosco um sentimento de perplexidade sobre a preparação devida para o encontro com o Senhor que vem — tal como a das «multidões que perguntavam a João Baptista:

— Que devemos fazer?

— Ser justos e fraternos na partilha, ser tolerantes e pacíficos na relação com os Outros, ser sóbrios no uso dos bens ao nosso alcance — foi, «naquele tempo», a resposta do Homem que faz ponte entre a Antiga e a Nova Aliança.

É a resposta para todos os tempos: «Endireitar..., aplanar caminhos...», torná-los caminhos do Senhor para que os homens possam ir sem tropeçar ao encontro d'Ele. S. Paulo sintetizou-a neste mesmo texto da Carta aos Filipenses: «Seja de todos conhecida a vossa bondade».

Eis a nossa parte, o advento de toda a nossa vida, para que o Advento desabroche em Festa.



Telmo e João, de Maputo, anunciam a mensagem de Natal com um expressivo abraço da paz.

Padre Carlos

Calvário

Enferma desde o nascer

SEM o desejar, vim hoje a uma romaria. A aldeia é uma colmeia de forasteiros. As ruelas estão apinhadas de carros, de tendas, de guarda-chuvas abertos que a chuva cai de mansinho e teimosamente. É difícil circular.

O motivo que aqui me trouxe não foi a Santa local mas uma rapariga enferma desde o nascer. Dirijome a uma velhinha de xaile pela cabeça e taleiga de estopa na mão e pergunto pela casa da mãe da doente.

— Ai, ela está pela certa na capela, lá em cima, com a filha.

Estranho a resposta e encaminho-me para a capela. O trajecto a fazer é ladeira íngreme, enlameada. Os carros ziguezagueiam, pois a lama a isso obriga. Duas filas de pessoas bordam a estrada. Uma que sobe, outra que desce. Todos de cabeça baixa à procura de sítio para colocar os pés, pois as poças de água não têm conta.

Continua na página 3

MALANJE dia-a-dia

15/11/94

Vamos ter esperança nos homens

Finalmente, uma luzinha, bruxuleante embora, lá no fundo do escuro túnel...

Será...? Assim seja.

O Povo — o verdadeiro, o simples, o sofredor — anseia pelo fim da guerra. Foram tantas mães que ficaram ceifadas por minas colocadas nas lavras; tantos filhos mortos nos combates; tantos mutilados; um grande número de órfãos.

Que venha a paz...

Claro que paz não é só e simplesmente o silêncio das armas. Muito para além e mais profundo é um estado de alma

tranquilo e sem ódio ou desejo de vingança.

Dá luz a resposta dum rapaz envolvido em luta com outro. Um adulto separou-os e apaziguou-os:

— Estais bem agora? — perguntou a seguir.

— Estou, mas ainda não lhe mordi — respondeu um.

A paz dos corações exige uma renovação e mudança de mentalidades; a moralização de costumes; e, muito urgente, a paragem na corrida aos lucros desmedidos, onde tantos enriquecem com o prejuízo e as dores dum Povo que não tem pão.

Vamos ter esperança nos homens. Que o Senhor lhes dê a boa-vontade.

Padre Telmo

TRIBUNA DE COIMBRA

O meu presépio é todos os dias do ano

NÃO sei que dizer do Natal. Tenho sempre o presépio montado. São figuras de terra viva as que se movem no meu íntimo e à minha volta, com nomes e histórias eloquentes. Temo lançar mais tinta ao papel dos votos e discursos; que a mensagem, alcatifada, adquira tão somente a moldura da tela ou não ultrapasse os contornos da porcelana.

Os Meninos do meu presépio cheiram a barro vivo, amassado com suor e dor. Foram chegando, agora um e depois outro, às dezenas, como estrelas caídas no chão. Ficaram por lá os colos que os geraram; quantos, vagueando de noite, buscam no céu estrelado uma estrela mais quente e luminosa.

Desceram — os Meninos do meu presépio — carreiros íngremes, apressadamente, numa infância curta. Lavados em dor e sofrimento contidos, viram as pontes da vida desmoronar-se numa experiência afectiva cheia de sobressaltos.

E, como há dois mil anos, do Casal Ventoso às Musgueiras; de Miragaia à Foz do Douro, quantas portas trancadas.

Os Meninos do meu presépio renascem agora, de novo. Encontraram no coração da Igreja um amor ardente: o Padre Américo, as Casas do Gaiato, o Calvário, o Património dos Pobres, uma multidão de amigos repar-

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

NATAL — Uma senhora, de Lisboa, que há muitos anos se interessa pelos Pobres, anuncia hoje, aqui e agora, a Mensagem natalícia:

«Este mês é atribuído o subsídio de Natal, mas nem todos usufruem esse direito. Quantos infelizes nem sequer têm pão para comer!

Tenho agora possibilidade de enviar o dobro do costume e nas vossas mãos ponho a distribuição. Inclusive por aqueles a quem nem sempre contemplo ou para outros que vereis mais carecidos. O que fizerdes, para mim está bem feito — pois a minha intenção em nada se modifica.»

E disse mais, d'alma cheia, com os olhos na Eternidade.

PARTILHA — Cheque da assinante 60379, de Lisboa, motivada pelo *Diário dos Pobres*, nesta coluna. Mil, da assinante 21358, da Murtosa, «para uma viúva». Sobras da assinatura d'O GAIATO, pela mão duma leitora assídua, de Faro. 2.500\$00 da assinante 7186, de Aveiro, sublinhando: «Não precisam de agradecer».

Mais um cheque, da assinante 13320, do Porto, «no valor de 32.000\$00, que será distribuído como melhor entenderem». Carta muito pessoal, da assinante 21319, que não esquece os Pobres. Tampouco o seu porta-voz, com uma intenção espiritualmente muito rica.

Vale de correio, de Maria Vilhena, d'algures. Cheque do assinante 39967, de Mosteiró, Feira. A repartição doutro, da Avenida dos Estados Unidos da América, Lisboa.

Cinco mil, do Porto, do assinante 63470. Rua Filipe da Mata, Lisboa: «Aproxima-se o Natal, o Inverno, cujas condições atmosféricas mais fazem sofrer os Pobres, os doentes. Se pudesse, gostaria de acudir ao maior número possível. Na impossibilidade de o fazer, limito-me a enviar um pequeno donativo para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Mais cinco mil, duma senhora que nos visita assiduamente — com a amizade de sempre. O mesmo, de Maria Luísa. Obolo mensal de «uma Assinante de Paço de Arcos». Idem, do assinante 17258, Baguim do Monte, Rio Tinto. Cheque duma viúva, de Souto da Casa, «para os mais necessitados e envergonhados, promessa que fiz, e também por alma de meu marido». Mais outro, de Setúbal, «pequenina contri-

Pelas CASAS DO GAIATO

buição relativa a Novembro, da Avó dos cinco netinhos».

Retribuímos os votos de santo Natal e Ano de Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

NATAL — O Natal na nossa Aldeia tem um sabor especial, tanto a nível espiritual como festivo. Todos trabalhamos para que decorra tudo como desejamos.

A nossa festa começa no dia 24 com a oração da tarde. Depois, a especial ceia de Natal.

As 23 horas, temos a Missa do Galo, presidida pelos nossos Padres. Lembramos os nossos irmãos de todo o mundo, especialmente os de Malanje e Benguela, onde eu me encontrava o ano passado. Também os de Moçambique. Lembramos as famílias desamparadas. Por fim, temos o cacau bem quentinho e umas sandes caseiras.

No dia seguinte, cada qual mostra o que teve de presente. É uma alegria enorme!

VISITANTES — Estamos na altura do Natal. Por isso, temos recebido muitas visitas, pois somos a porta a aberta.

Benjamim Alves

OBRAS — Os nossos trochas acabaram as da caldeira. Agora foram para a lavandaria. Estão a pintar as paredes e as janelas.

PASSATEMPOS — A malta gosta muito de passar o tempo a jogar a bola, ver televisão, jogar cartas, andar em carros de rolamentos, os chamados bolidos, etc.

Vitor II

ESCOLA — Acabou o primeiro período. Os estudantes mostraram muitas dificuldades para o ultrapassar. Por isso, terão que estudar mais no segundo e terceiro períodos.

FUGITIVOS — Estamos numa fase muito difícil.

Os nossos habituais fugitivos têm saudades das suas aventuras e estão a fazê-las frequentemente. Os nossos padres estão cansados de lhes chamar a atenção. Já não sentem os castigos...!

COZINHA — Surgiu um problema: a nossa velha máquina de descascar batatas avariou. Os cozinheiros em dificuldades para servirem batatas. Se alguém tiver possibilidades de nos conseguir uma, agradecemos a prenda de Natal.

OFERTAS — Agradecemos também, aos nossos Amigos e Empresas, as coisas boas que nos têm dado.

«Vitinho»

MAIS NATAL — É o dia do nascimento do Menino Jesus. A humanidade aproveita para festejar essa data com muita alegria e paz. É um momento em que as famílias se reúnem e trocam laços de ternura e prendas.

Nas nossas Casas do Gaiato, o Natal é festejado de uma maneira muito especial, pois lembramos todos aqueles que não têm um lar ou condições de vida para celebrarem a grande Festa do nascimento d'Aquele que nos veio salvar.

DESPORTO — O nosso plantel não pára de construir bons resultados.

No dia 8 de Dezembro, feriado, defrontámos uma equipa da empresa U. T. A (Valongo), no nosso campo. Um jogo bem disputado. Logo no primeiro minuto, golo nosso, quebrando uma barreira defensiva bem constituída. A partir daí, as coisas começaram a ficar mais difíceis para o adversário, que não conseguia travar os nossos avançados... Resultado final: 10-2.

Também no dia 10 tivemos mais espectáculo de futebol. Defrontámos o Grupo Desportivo do Calvário (Ermesinde). Neste encontro o técnico deu oportunidade a outros jogadores, que não tinham ainda alinhado esta época. Todos se portaram bem. Ao intervalo já vencíamos por 3-2. Na segunda parte o espectáculo continuou com muito interesse. Resultado final: 3-3.

O Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa deseja a todos os leitores e amigos um santo Natal e um próspero Ano Novo.

TOJAL

ESCOLAS — O primeiro período escolar já acabou. Alguns tiveram notas negativas por não sabermos, ou por descuido. Mas com tantas explicações e horas de estudo quem tira negativas é porque não toma atenção nas aulas e descuida-se. Esperamos que no segundo período corra tudo da melhor forma para os nossos estudantes e que estudem mais.

ENFEITES — Temos várias árvores de Natal espalhadas pela Casa. Um na casa-mãe; outras, na rouparia e lavandaria; e nas oficinas.

Nas camaratas temos os presépios e fora das camaratas, no largo, o nosso pinheiro também enfeitado. Ao enfeitar a Casa, a malta sentiu um sinal de esperança em que algo de bom iria acontecer. E aconteceu. É Natal, o Nascimento de Jesus.

FESTA — Está quase a chegar a altura do campeonato, dizem os ensaiadores, contentes por terem conseguido ajudar a decorar o nosso papel. Faltam apenas 15 dias para a grande noite, para o grande acontecimento. Começamos a ensaiar tudo e a ver onde existem mais problemas.

É já no sábado, à noite, e também no domingo, à tarde, por volta das 15 horas. Estamos preparados para fazer a festa sem dar o mínimo de «barraca». Se houver, será por alguma timidez dos rapazes, descuido ou nervosismo. Para fazermos a récita precisamos da colaboração das senhoras, dos rapazes mais velhos e também dos actores pois são eles que mostram o que aprenderam com as senhoras e os companheiros mais velhos.

OBRAS — A rua central, que vai dar ao palacete, está quase toda calcetada. O muro à volta do campo também já está terminado. A pouco e pouco a Casa ficará inais jovem, mais bonita. De vez em quando algum vidro partido, mas logo substituído pelos carpinteiros. É assim o dia-a-dia dos carpinteiros e dos pedreiros.

VISITANTES — Gostamos de os receber. Pai Américo dizia: «Somos a Porta Aberta». É também no segundo período escolar que recebemos mais visitas e excursões; e, sempre com elas, as diversas coisas que mantêm o dia-a-dia da Casa assegurado: roupas, calçado, brinquedos, donativos, material escolar e produtos alimentares. O nosso muito obrigado.

FUTEBOL — Agora estamos em férias, já podemos praticar mais futebol. Das 13 às 13,30 horas, o campo de futebol estará mais cheio, pois

é a nossa hora de recreio. E também das 17,30 às 18,45.

ANO NOVO — Alguns rapazes, durante três ou quatro dias, passarão o Ano Novo em casa de suas famílias. Outros que não sabem delas ficam por cá. Os mais velhinhos irão ao Terreiro do Paço e os novitos ao cinema.

Joaquim Miguel F. Pinto

Vinde

Vinde a minha casa
Ó possuidores do nada
Dormir em lençóis de linho.
Quero ser vosso amigo.

Vinde à minha mesa
Ó habitantes da pobreza.
Sobre ela há rosas, pão e vinho.
E no ar uma agradável leveza...

Vinde ao meu salão de festas
Ó necessitados de paz e de amor
Dançar com fulgor.
Está a tocar para vós uma orquestra.

Vinde ao meu miradouro
Ó esquecidos de rosto tristonho.
Há belas paisagens
Para sonhardes.

Vinde ao meu jardim
Ó miseráveis das cidades.
Sois o perfil das sociedades.
Não tenhais receio de mim.

Manuel Amândio

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Na noite de 24 para 25 de Dezembro acontece o momento

mais glorioso e esperado do mundo: a chegada do Messias. Na gruta, em Belém, José e Maria, de joelhos, agradecem a Deus os benefícios do dia. Ele muito fatigado, deita-se. Espera Jesus, o seu bebé. Que momentos de ânsia pela espera do Salvador, o Deus-Menino.

Momento solene, a Esperança dos séculos e a ânsia de muitos homens está prestes a tornar-se realidade.

Um cântico doce enche repentinamente a gruta, e aquele cantinho escuro torna-se um mar de luz. No alto, suspensos na gruta, um coro de anjos repete a cantar: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade». José acorda pasmado, nem acredita nos seus olhos...

De joelhos, Maria estende as mãos ao Menino. O mistério de um Deus feito homem para Se tornar pequenino. Anjos voam sobre a manjedoura na qual um menino encantador, com os olhos cheios de luz e o sorriso celestial nos lábios, fita Maria sua mãe. A alegria que essa mãe experimenta! Nenhuma criatura na terra é mais feliz que ela. O seu Deus, o seu Menino pode dizer-lhe: — Tu és o meu Senhor, deste-me a vida... — Eu posso dizer: és o meu filho. Mistério de amor! Que grande mistério de Fé numa gruta perdida nos campos de Belém! Maria não se cansa de olhar para o Menino Jesus. Ao lado José, de joelhos, humilde, não se atreve a pegar nem a tocar no Menino.

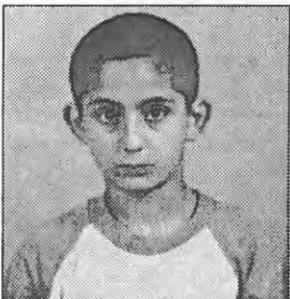
Finalmente, nascera o Messias! As nossas famílias pobres vão ter um Natal mais pobre. As finanças andam muito baixas e tivemos que reduzir. Assim, não temos festa nem merenda de Natal nem prendas, mas vamos arranjar uma consoada para a ceia ser um pouco mais doce e farta. Como todos sabemos, Maria e José também eram pobres e tiveram um milagre que foi a alegria do seu Menino. E com fé, paz e alguma saúde, o Natal de todos nós e dos nossos irmãos mais necessitados será mais quente e alegre. Há que ter Esperança e Fé no Menino Jesus.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — De M. Mota, para ajudas na ceia do Natal, 50.000\$00. Amiga, da Holanda, 7000\$00. «Uma avó reconhecida a Jesus», 10.000\$00. Anónimo, 30.000\$00. Outro, 5000\$00. Que Deus ajude a todos e vos dê um Natal muito santo, cheio de Paz. Muito obrigado. Bem hajam.

Maria Germana e Augusto

Retalhos de vida

TICO



O meu nome completo: José Carlos Marques Fernandes. Entre a nossa malta sou mais conhecido por Tico.

Tenho 12 anos. Frequento o

5.º ano do Ensino Básico. Vim para a Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, porque o meu pai faleceu e a minha mãe não tinha condições, em casa, para nos ter a mim e a meus irmãos.

Sou de Monforte — Alto Alentejo.

Gosto muito de estar na Casa do Gaiato, já lá vão três anos, porque tenho tudo o que preciso para ser um homem.

Agora, nas horas vagas da Escola, limpo a salinha das senhoras, etc. Mas quando for grande quero ser mecânico.

Sou adepto do Sporting.

José Carlos

POBRES

A carta trouxera uma voz desesperada

FOMOS, estrada adiante, ao coração do Minho... Uma carta trouxera uma voz desesperada, um grito à espera de um eco que não da própria voz, e nos falava de uma mulher e mãe perdida por não encontrar mão que a amparasse perante tanta desventura. Não nos chamava, mas fomos...

Chegámos, não sem dificuldade. Encontrámos a casa vazia. O esvoaçar dos panos que serviam de janelas e de porta mostrou-nos a realidade que comprovava a situação daquela família.

Na ausência daqueles que procurava, dirigi-me ao pároco. Deixámos o recado de que esperávamos novo contacto.

Passaram-se algumas semanas e o telefone tocou. Do outro lado, a voz da mãe. Sim, iria ver...

Cheguei, já era noite. Surgiu-me uma mulher jovem, aspecto de quem trabalha, mas com aquele enquadramento, pareceu-me parco o fruto do seu suor...

Enquanto nos deslocámos para ver a casa nova, falava-me como que a um amigo ou a um familiar. Contava-me das grandes melhoras do marido, alcoólico, da situação dos quatro filhos, dois rapazes e duas raparigas... Estava

FAMÍLIA

Cenas angustiantes

NÃO há amor como o de mãe — diz o nosso povo. E os meus anos isso confirmam. Recordo, com saudade, o amor de minha mãe. As noites que passou em branco quando algum dos filhos estava doente. Os sacrifícios que teve de fazer para nos criar. A sua doença. A sua morte. Tive a felicidade de estar junto dela na agonia e vê-la morrer. Peço perdão porque nem sempre correspondi ao seu amor.

Neste tempo, já longo, ao serviço nas Casas do Gaiato, tenho testemunhado cenas angustiantes. Reações muito negativas de alguns para com suas mães. Tenho muito no coração a repugnância dos nossos pequeninos em aceitarem o colo da mãe. Ele o esbracejar, ele o gritar, ele o fugir. É sempre um drama.

A mãe, na sua pouca capacidade, parece ter algum amor aos filhos. Vem, de longe, visitá-los. Gerou-os e deu-os à luz. Mas não os criou nem os tem consigo. Ela e o marido entregaram os quatro à Casa do Gaiato. Só ficaram com a filha mais velha.

Na nossa perspectiva parece-nos que fizeram bem. A sua pouca capacidade. A pequenez da casa que habitam. O trabalho que não querem.

Recordo a cena de há dias, noutra Casa. Veio a mãe a visitar o filho e ele não lhe quis aparecer. Ela ficou à espera e ele fugiu para o primeiro andar que é dos mais velhos. A mãe subiu as escadas e ele escondeu-se. Ela procurou-o e foi o alarido. Ele, ao longe, a mandá-la embora. Ela a aproximar-se como quem se quer despedir. Ele

a gritar que se vá embora. Eu fiquei boquiaberto a contemplar aquela cena e não fui capaz de intervir. Cena triste.

Recordo ainda a reacção dum outro nosso pequenito no dia em que o trouxemos da sua terra. Ao passar na estrada, dentro do nosso carro, gritou ao ver a mãe: «Olha aquela grande puta». Sinal de repulsa. Nunca mais falou na mãe. Tantos e tantos casos que podíamos aqui apresentar. Mas, basta. Chegam para demonstrar o valor da família. A família que deve viver em amor. Os filhos são dos pais e os pais são dos filhos. Os filhos nunca se abandonam. Os pais não se podem vender. Não se trocam nem se

alugam. A família é a grande célula da sociedade. Onde não há famílias sãs, não se pode esperar uma boa sociedade.

Estamos a celebrar o Natal, festa das famílias. A Sagrada Família de Nazaré é modelo. O Menino Jesus teve de nascer num curral longe da sua aldeia. Pequeno, ameaçado de morte, teve de emigrar para país estrangeiro. Aos doze anos ficou no Templo sem os Seus pais saberem. Estes, aflitos, procuram e encontram-no. Fazem sacrifícios e renúncias para O criar, mas não se separam.

Que todas as famílias celebrem o Natal em paz e alegria.

Padre Horácio

UMA CARTA

Motivo de inquietações

«Leio sempre com muito interesse o nosso GAIATO. Não posso dizer com prazer ou com alegria, porque essa leitura é constantemente motivo de inquietações e até problemas de consciência. Tantos problemas, meu Deus, a que é necessário ocorrer!... A sua quantidade, por vezes, leva-me a ficar paralizado ou a encontrar pretexto para nada fazer... porque não posso chegar a tudo.

Mas, hoje, venci-me. E, por isso, embora seja uma pequenina gota, aqui envio este cheque...

— Para quê?...

Olhai, tenho à minha frente a crónica do Padre Manuel António, de Benguela, publicada n'O GAIATO de 12 de Novembro, que termina dizendo: 'O Natal vem aí. Leitores amigos, não gasteis dinheiro em vão'.

Utilizai-o como melhor achardes.

E eu peço perdão por, apesar de todas as minhas inquietações, continuar, muitas vezes, a gastar em vão'.

Um grande abraço e feliz Natal.

Assinante 39113»

CALVÁRIO

Continuação da página 1

Começo a ouvir música vinda da romaria. As barracas abrigam bugigangas, coisas de comer, de vestir, de enfeitar, tudo.

Brigadas de segurança vieram comer o almoço na «casa de comer», construída somente para esse efeito.

Estamos diante da capela erguida sobre o lajedo duma enorme rocha. Não foram precisos alicerces ou soalho. O granito está à vista, dentro e fora do santuário. No meio deste, um colchão e nele estendida a doente que procuro. Ao lado, a mãe octogenária. Saúdo-a e pergunto se a pequena é a doente que aqui me traz. Que sim senhor, responde-me:

— Foi sempre assim. É uma santinha.

Enquanto os forasteiros vieram por causa da Santa, que se encontra no retábulo ao fundo da capela, eu e mais o meu companheiro de viagem viemos por causa desta santinha. A ironia da minha presença certamente ofende os sentimentos desta multidão, mas é verdade. Não foi a padroeira da capela que aqui me trouxe neste dia festivo, mas outra santa aqui estendida no colchão sobre o granito gelado e molhado pelo calçado de quantos entram.

Ao lado da pobre enferma uma lata cheia de moedas. Afinal, são estas a razão da presença, da exposição da doente.

— É costume ir a todas romarias do Norte, desde a Senhora dos Remédios à Senhora da Saúde. A mãe leva-a a todas — dizem-me ao ouvido.

Temo que a mãe não se queira desprender da filha por causa do negócio. Mas faço a minha proposta para acabar com o rendimento

exploratório dos males alheios.

— Já tenho muitos anos e queria deixar esta vida. Seria bom que a levasse.

A dignidade humana

Fico contente em poder acabar com a vergonha deste comércio que dura há anos. A teologia da libertação ainda não chegou a muitas moradas cristãs. Todos descarregam a consciência na moeda que fazem cair na lata ao lado da doente. Mas ninguém se empenha em libertar a enferma do espectáculo degradante, da exploração duma enfermidade.

A dignidade humana merece outro comportamento colectivo, que não humilhe mas exalte. A Santa tem o andar preparado para a procissão e homenagem dos crentes. Esta enferma merece igualmente, não digo um andar mas um leito digno onde seja respeitada, amada e acarinhada. Não precisa de compaixão, mas de respeito. Não carece de esmolas, mas da parcela adequada, própria e necessária ao seu viver dependente.

No Evangelho Cristo parece que não gostava das doenças, mas dos doentes. Por isso, os libertava daquelas. Os homens olham às aparências e comprazem-se nelas. Deus vê o interior de cada um, a dignidade de cada homem. Em cada ser frágil está um filho de Deus, que Ele ama infinitamente. É isso que Ele nos ensinou a descobrir.

Perdoem-me os forasteiros da romaria, mas nem sequer perguntei pelo nome da Santa. Mas da santinha. Pois foi só por causa desta que aqui vim hoje.

Padre Baptista

SETÚBAL

O Menino Jesus

já entrou muitas vezes em nossa Casa

NESTE Natal quero falar-te do Menino Jesus! — Sabes que Ele veio até nós?

— Vive em nossa Casa. Arranjou um lugar materno no coração da Isaura e ocupa um espaço de eleição no íntimo de cada rapaz!... Não estás a acreditar mas eu explico melhor: o Menino Jesus já entrou muitas vezes em nossa Casa. Estamos a chegar à milésima oportunidade.

Apresentou-se de formas diferentes. Nunca igual. As modas não se repetem n'Ele, de dez em dez ou mesmo de vinte em vinte anos, como fazem os homens na curta imaginação que os caracteriza. Ele é criativo. Não fosse Ele o Criador! Quase sempre veste a gala do Gólgota com matizes diferenciados pelo sofrimento.

Desta sorte não. Apareceu lindo... lindo... lindo...! — Olha que nem o de Praga é tão esplendoroso! Tem uns caracózinhas nos cabelos loiros. Uns olhos grandes. Uma cara rechonchuda: Faz á-á de muitas maneiras e... pelos mais variados motivos. Salta no colo de todos os rapazes distribuindo a cada um as mais ricas expressões de humanidade. É uma criança tão feliz!..., que gera felicidade em todos os corações desta grande família.

Há dias, de repente, no meio da enorme sala de jantar, quando os cento e cinquenta iam a meio do jantar, agarrando-se a uma cadeira dos rapazes sentados à volta das mesas caídas, o bebé ensaiou os primeiros passos caindo de nádegas no chão. Foi uma deslumbrante suspensão: o barulho alegre e intenso da malta, à mesa, sumiu-se de súbito e todos automaticamente se voltaram para o mesmo sítio, embebedados, cravando os olhos no menino. Não houve

boca que não sorrisse nem coração que não cantasse: — O bebé já anda!...

O Miguel Ângelo — assim se chama o nosso eleito — tem quinze meses. A sua graça e a exuberância de valores que exala é a maior prenda deste Natal/94.

Em várias ocasiões dei com o Nuno agarrando a mãozinha do bebé a fazer festinhas a si mesmo, passando os tenros dedinhos pela cara. O Nuno veio para nossa Casa, do hospital, onde passara 40 dias, sendo os primeiros dez em coma por ter sido arremessado contra uma parede pelo amante da mãe, com dez meses apenas.

Criámo-lo com todo o amor mas, nas raízes da sua natureza, agora com dez anos, esta criança sente ainda as necessidades não satisfeitas quando pequenino; e pega na mão angélica do Miguel, coça-se no rosto com ela, depois de alma cheia, beija-a ternamente, fitando nele um olhar de profunda gratidão.

O Miguel não pode ser adoptado. — Porquê, perguntas-me inquieto. — É que a lei protege o progenitor. Ele não autoriza.

O homem gerou, de várias mulheres, vinte e oito filhos. A mãe morreu nova, há nove meses. Eu precisava de uma família que quisesse correr o mesmo risco que nós e levasse para o seu seio duas irmãs do nosso menino, de cinco e seis anos e meio.

Não podem ser adoptadas legalmente, mas podem sê-lo pelo coração.

Ao coração ninguém é capaz de impor leis. O amor sabe sofrer e sabe esperar.

Aqui vai um desafio neste Natal: — Quem decide ser meu compadre, levando para sua casa as duas irmãs do nosso Menino Jesus?!... Quem arrisca? O Presépio vai ser monumental, como todos os anos no largo da Capela.

As figuras reaparecem e toda a vida daquele

tempo que os Evangelhos descrevem e Francisco de Assis tão bem delineou aí está, na arte e criatividade renovada dos rapazes.

A imagem do Menino não sairá da gruta. Repousará intocável. É que, em quadro vivo, depois da Missa da meia-noite, todos iremos beijar o nosso Menino. A Carla agarrá-lo-á ao colo. O Álvaro representará S. José e todos no ósculo terno, renovaremos a nossa Fé na Palavra d'Aquele que afirmou: — O que fizeres ao mais pequenino é a Mim que fazes.

POST SCRIPTUM — Um numeroso grupo de companheiros do Lion's Clube de Leiria quis conhecer melhor a Casa do Gaiato de Setúbal e veio até cá almoçar com os rapazes para avaliar mais de perto a nossa vida e as instalações e prestar culto ao Santíssimo Sacramento, da nossa Capela, com um magnífico arranjo de flores.

Foi o seu amor à Obra da Rua e ao Padre Américo que galvanizou todo o Clube para encherem, o ano passado, o Teatro José Lúcio da Silva, com espectadores que se deslumbraram com o espectáculo apresentado pelos gaiatos de Setúbal.

O zelo do Clube por nós cresceu e já marcaram nova exibição para um sábado, 23 de Abril do próximo ano. Lá estaremos para recebermos tanto carinho e ajuda.

☆☆☆

Pela segunda vez estiveram no meio dos rapazes outros trinta alunos da Universidade Lusíada, de Lisboa. Temos todo o interesse que a juventude cristã veja um ideal de doação inteira para que, se o Senhor chamar, saibam ver o Caminho.

Padre Acílio

feliz pela bênção que Deus tinha semeado em todos eles. Já não era a mulher desesperada, da carta, a escorregar para o abismo. Agora estava cheia de esperança, de uma alegria contagiante, que experimentei...

Subimos o morro do bairro dos Pobres. A casa era a que ficava mais ao cima. Vi, apesar da escuridão, obra humana alicerçada no esteio da fé. Impulsionada pela força da esperança... Com tão poucos meios materiais mas muitos humanos, vizinhos e da autarquia.

A casa estava de pé. Falta-lhe o telhado e acabamentos.

Deixei um cheque, para o telhado, recebido num silêncio carregado de gratidão. Foi abraço e mais um braço na construção desta família. Uma brasa para fortalecer a fogueira que a aquece e não uma chama que a abafe...

Regressei e no verde da mata do bairro dos Pobres agora vai surgir um telhado colorido com o teu amor que eu levei àqueles irmãos.

Padre Júlio

A FAMÍLIA EM CONGRESSO

Termo de celebração e acontecimento de arranque para uma revitalização da Família

FOI o Congresso Diocesano o ponto mais alto e termo da celebração do Ano Internacional da Família pela Igreja Portucalense. Termo de celebração e acontecimento de arranque para uma revitalização da família e dos seus valores perenes e insubstituíveis — projecto querido pelo Bispo e assumido pela assembleia nas conclusões do Congresso, depois de um trabalho de preparação que durou ano e meio e agora culminou nas reflexões finais que, repito, se desejam ponto de partida.

Nós, «família para os sem família» erguida sobre o princípio de que «todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão», num Congresso da Família

tínhamos de estar presentes — e valeu a pena!

Creio que a sensibilização conseguida, mais talvez do que a «revolução cultural» naturalmente produzida pelo estudo e debate dos temas, há-de produzir frutos num laicado que vai compreendendo que Deus terá as Suas razões ao permitir o *déficit* de presbíteros que é a realidade eclesial dos nossos dias; e que essas razões serão da espécie da responsabilização e promoção dos Baptizados que, por o serem, participam já do Sacerdócio de Cristo e compete-lhes também a edificação da Sua Igreja.

Muito me alegrou a intervenção dos Jovens, grupo especial entre os constituídos por nexos geográficos, os quais privilegiaram a coordenação e rendibilização do que já se está fazendo, antes de iniciativas novas.

Na verdade, momentos de tomada de consciência, ricos como este, suscitam inquietação e perplexidade, à semelhança da

que o Evangelho deste domingo nos referia: — E agora, que fazer?

Pois há muito que fazer, mas também já há muito feito. Comece-se por melhorar o que estamos fazendo e as novas e necessárias acções há-de surgir a seu tempo. Mais importante que o agir é o ser. É a nova Evangelização que se pretende, há-de passar mais pela irradiação do *ser-outro Cristo* que cada Baptizado é, do que do muito agir.

Gostei de saborear este pensamento recolhido da comunicação dos jovens.

Uma outra comunicação, porém, queria hoje assinalar, pela *revelação* que me fez: a de que temos uma das mais perfeitas Constituições do mundo ocidental no que respeita à Família.

Se assim é, porque se não percebe o influxo da Lei Fundamental nas leis que regem o quotidiano?! Porquê estas, tão numerosas, tão avulsas, tão efémeras, sem que haja no aparelho do Estado nenhum

organismo forte capaz de sentir e reagir a tudo que afecta a Família, tanto por agressões a ela como por faltas da atenção que ela merece?! Um organismo que filtrasse todas as consequências nocivas à Família da legislação dispersa oriunda dos vários pelouros do Estado e reclamasse das tantas omissões que igualmente a prejudicam.

Já houve uma Secretaria de Estado da Família, mas durou pouco. Uma simples Direcção-Geral num Ministério do Emprego e Segurança Social, onde são tratados assuntos sociais mais polémicos e explosivos que a Família, assuntos que, com certeza, vêm mais depressa à tona — não será pouco demais?!

Não me lembro de ter ouvido na leitura das conclusões apelo a um Ministério da Família, com poder de intervenção em todos os outros em matérias que interferem com a Família. É pena!

Padre Carlos

BENGUELA

É Natal

ESCUTEI a voz da televisão de Angola, a partir de várias zonas, a propósito da festa do Natal. Um ponto comum: as prateleiras das lojas ainda estão vazias, à excepção de Luanda. À hora em que escrevo estas notas, faltam quinze dias para o grande dia.

Dentre as várias respostas às perguntas do locutor, uma deixou-me consolado. Foi lá bem no centro de Angola, na cidade destruída do Kuito: «O maior bem de que necessitamos para o Natal é a paz». O rosto falava das privações sofridas ao longo de pesados meses de guerra. Mas o maior bem não são as coisas; sim a paz.

Quem dera no meio da fatura doutras terras o coração não buscasse as coisas, em primeiro lugar, mas a paz! O Natal é a celebração da Festa do Príncipe da Paz. O coração em paz é feliz. É bem certo que os bens

materiais são precisos para a Festa. Quem celebra é o homem todo. Por isso, à nossa volta, tanto quanto for possível, havemos de ajudar para que não falte um bocadinho de pão para o Natal.

Parte das trezentas crianças que frequentam a nossa escola vêm com o estômago vazio. Sei que não pode ser. Mas não tenho leite, nem pão nem arroz com um pouco de açúcar, nem papa que chegue para matar a fome a tanta gente pequena. Estes meninos e meninas andam esfarrapados, mas não tenho roupa que dê para eles. Tenho muita esperança, de momento, num contentor anunciado, das bandas de Leiria. Quando chegará a hora de não estarmos mais à espera?! É que Angola tem possibilidades de matar a fome aos seus filhos e de distribuir por muitos mais. Até lá vive-se em estado de emergência. Como viver o Natal nestas circunstâncias? Como fazer passar a mensagem do Natal para esta geração?

Na linguagem mais «erudita», por estas bandas, o mistério do Natal é substituído pela festa da família. É ainda herança dum passado muito recente, em que os valores religiosos, oficialmente, eram postos de parte. Quem fala em Natal fala na família. Não há Natal sem família. Onde está o amor sincero está a família. E não há Natal sem amor verdadeiro. Nesta quadra o horizonte da família alarga-se e a mão acolhedora e a que partilha sai do escondimento.

«Um Menino nos nasceu, um Menino nos foi dado...» — canta a Liturgia do tempo de Natal. Diante duma criança, que pensamos? Na vida, sim, na vida! É por isso que o Natal é a Festa da Vida. Mas como fazer passar esta mensagem, diante do espectáculo de multidões de crianças famintas, esfarrapadas? O Natal é a festa da Família. Mas como fazer passar esta mensagem diante do espectáculo de multidões de famílias sem nada? A Boa Nova do Evangelho é também muito dura para quem recebeu a missão

expressa de anunciá-la. A Palavra há-de ser acompanhada pelo Gesto. Está aqui a pedra de toque da vivência do Natal cristão. E que força tem o amor nascido do Natal!

Agora mesmo desci do lugar onde estou a escrever e fui com aquele pequeno, já aqui falado, o Adriano Kapaia. Que bonito ele está! Que transformação se vai dando nele! É na verdade uma segunda gestão por que está a passar. Se ele não acreditasse no amor que lhe temos, continuaria atrofiado. É o amor do Natal.

Ordenação sacerdotal

Neste domingo, 11 de Dezembro de 1994, ao sair pelo portão que dá para a rua, para celebrar a Eucaristia do domingo 3.º do Advento, dei com um grande cartaz dependurado no pequeno tecto do portão. Dizia assim: *Um grande acontecimento na Obra da Rua*. De que se trata? Um filho desta Casa do Gaiato de Benguela seria ordenado sacerdote, neste dia, no Centro de Nossa Senhora da Graça, situado no morro que faz trazeiras com a Casa do Gaiato. Veio para junto de nós, como consequência da guerra civil, logo a seguir à Independência de Angola. Os nossos «Batatinhas» daquele tempo tiveram-no como chefe. O ideal de ser «Padre da Rua», pai dos que foram pequeninos como ele e ficaram sem família, tem-no seduzido, ao longo do tempo de formação, como ele confessa. Vai, agora, continuar a sua experiência, na escola prática das Casas do Gaiato, para confrontar o caminho com o ideal que o persegue e pôr à prova a força do mesmo ideal. Acompanhamo-lo com humildade e confiança na Graça do Senhor que se faz Dom aos homens e, em especial, aos Pobres, neste Natal.

De Angola, que está no nosso coração e também no coração dos leitores d'O GAIATO, votos de Natal santo e feliz! Obrigado!

Padre Manuel António

Uma volta com muitas alegrias

MANHÃZINHA cedo e Padre João à porta do meu quarto: — *Temos de partir, que a volta d'hoje é grande*. Partimos e parámos no cimo da serra, numa aldeia que já foi grande. Visitámos um casal de idosos, do qual ajudámos a criar dois dos filhos que têm sido bons servidores do povo. A mãe falando dos filhos desabafou: — *Os meus quatro filhos são quatro amores. Eles nem sabem o bem que nos não-de fazer. Telefono-lhes muitas vezes*. Demos um abraço ao vizinho e seguimos caminhos.

Fomos parar noutra freguesia aonde nos tinham chamado pela situação de família pobre, sem casa. Parámos junto à escola a contactar com a professora que é a alma da terra, atenta aos alunos e a toda gente. Informou-nos que a família já tem casa. O povo acolheu o conselho de Pai Américo: «*Cada paróquia cuide dos seus Pobres*».

Dali fomos até à sede do concelho. Visitámos uma comunidade de meninos. Um enfermeiro da terra apaixonou-se por eles e tomou-os em sua conta. Alugou casa grande e formou uma família. Já são vinte, dos sete aos catorze anos. A senhora governante deles disse: — *São todos bons meninos. Alguns, às vezes, fazem umas arrelias, mas tudo passa*. Os donos da casa cederam o quintal e lojas que servirão de recreio. Andam em obras. Deixámos uma ajuda e seguimos.

Parámos já longe, junto de casa nova que, há meses, estava por acabar. O dono é doente, a fazer diálise, e a esposa tem emprego humilde. Os quatro filhos estão quase criados. Com a ajuda que lhe deixámos agora, vimos a casa pintada e as varandas com grades, a livrá-los dos precipícios que os cercavam.

Outra vez à estrada e eis-nos junto da casa da viúva com três filhos menores, irmã de missionário, que tem o telhado a abagar. Agora já encontramos uma pilha de telha nova à espera dos pedreiros que a hão-de assentar.

Nova corrida e paramos à beira de casa nova que

Património dos Pobres

temos ajudado. Falta só o chão dos quartos e da sala. A casa toda ela é um mimo, como também todo o quintal que a rodeia. Que lindas flores e que vistosa horta-licha! Demos parabéns à dona que estava à espera que os filhos chegassem da escola.

Novamente na estrada fomos parar junto de casa ampliada com a nossa ajuda. Eram só duas divisões.

Agora já todos lá têm o seu lugar. São os pais e quatro filhos pequenos. Sentem-se muito felizes. Já pediram mais uma ajuda para fazer uma cozinha que não têm.

Ainda rumámos para outro distrito, a contactar com panoramas que apresentaremos na próxima edição. Hoje ficamos com as alegrias colhidas nesta volta.

Padre Horácio

ENCONTROS em Lisboa

Silêncio... diante do Presépio

APETECE-ME o silêncio. Ficar quieto diante do Presépio. Deixar-me delumbrar diante do amor silencioso de um Deus-Menino. Olhar a minha vida à luz do mistério da Noite de Natal. Deixar que o meu coração se encha de gozo e de alegria...

Não temos tempo para o silêncio. Parece que nos faz mal ou temos medo. Um medo profundo de pensarmos a nossa vida toda feita de correrias e completamente vazia de sentido. Estamos cansados.

O silêncio diante do Presépio ajuda-me a olhar a minha humanidade, a fragilidade do meu ser de carne. Percebo também a imensidão do amor de Deus ao lembrar-se de mim.

Este silêncio deixa igualmente que seja capaz de olhar para os Outros que me rodeiam. Sentir neles a dignidade de homens e deixar que o meu coração os

abrace a todos como irmãos. É neste silêncio que descobri a humanidade do nosso Deus que me chama a uma maior solidariedade com todos os outros homens.

Natal... Noite de segredos divinos... Noite do Deus Menino... Noite da nossa humanidade...

Padre Cristóvão

Atraso na expedição d'O GAIATO

Uma avaria no sistema informático não permitiu a listagem de endereços dos Assinantes, motivando um atraso na expedição do último número do Jornal. Do facto pedimos desculpa aos nossos Leitores.

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

tindo com justiça e amor. Mas, quantos continuarão ao relento por falta de estrelas que ditem o caminho, ou por falta de mãos que aconcheguem a ternura ao coração e à vida! Nesta noite santa, hei-de ir com o coração aos arredores daquela cidade grande, onde vive uma mãe viúva com os seus oito pequenitos, olhando no céu a promessa da nossa ajuda. Pudera eu, que havia de saborear com eles, nesta noite jubilosa, o pão que conosco repartes e faz da sua ceia um verdadeiro manjar.

O meu presépio é todos os dias do ano. Nesta altura, porém, ganha mais cor e luz. É o teu coração feito partilha que lhe empresta esse jeito que tem, em cada Natal.

Padre João



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4540 Penafiel
Tel. (055) 752265 - FAX 753799 — Cont. 500766898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239